

A ESCRITA COMO PROCESSO¹

Carlos Alberto Dantas Silva², José Ivanildo da Silva Soares³, Joselildo de Oliveira Alves⁴, José Olavo dos Santos⁵

Mestrados em Ciências da Educação pela UNIGRENDAL (2), (3), (4), (5)

Resumo: Neste trabalho analisamos através da linha de pesquisa da Didática do Ensino de Língua o melhoramento da escrita dos alunos do 2ºano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio José de Lima, localizada no município de Baraúna-PB. Usamos como suporte o gênero diário de bordo que foi tratado como uma via para uma boa escrita, visto que, é uma escrita continuada e que abrange os diversos tipos textuais. Trouxemos o conceito de escrita como processo que requer tempo e prática e não um dom de poucos, tomando por base Antunes (2003) e Garcez (2004). Já a Escola foi tratada como formadora de um cidadão capaz de escrever em gêneros diversos, e não apenas uma instituição que promove uma escrita direcionada apenas para um determinado gênero textual, alinhando esse pensamento ao teórico Possenti (2012). Bakhtin (1997) foi a base no que concerne os gêneros como imanentes de uma necessidade comunicativa, indissociáveis da sociedade e dos meios de comunicação, assim como, meios de aprendizagem dos alunos. Em seguida, um dos princípios da boa escrita foi a reescrita, não como uma mera correção de erros de ortografia, mas toda uma reorganização do texto, isso é, da ortografia a semântica, tomando por base Viana (2012). Após a análise dos textos reescritos foi percebido um avanço quanto a grafia padrão das palavras, em relação às marcas de oralidade como: pra, e o internetês: vc, foram reduzidos em 90% nos textos reescritos. A fase final foi a publicação dos textos nas redes sociais, deixado a critério dos mesmos, pois não queríamos impor essa exposição dos textos.

Palavras-chave: Diário de bordo, Escrita, Ensino.

Introdução

Esta pesquisa nasceu da inquietude vinda de um estigma de que a escrita é um dom. Essa ideologia pode causar um bloqueio nas atividades de escrita pedidas pelos professores. No entanto, compreendemos a escrita como um processo, a qual contempla várias etapas, desde o planejamento inicial até a reescrita de um texto. É uma atividade suscetível a toda e qualquer pessoa que a praticar e só não ocorrerá por alguma incapacidade motora ou psíquica.

O artigo, em questão, está pautado sobre a preocupação dos professores, da E.E.E.M José de Lima localizada na cidade de Baraúna-PB. Após perceber que os alunos (mesmo no

¹ Este artigo é um recorte do trabalho: Diário de Bordo: verbalizando o pensamento, apresentado como exigência da conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu* em ciências da linguagem com ênfase no ensino de língua portuguesa.

ensino médio) não sabem codificar a língua na norma padrão, e há uma deficiência por parte de alguns até para entender o escrito.

Essa situação que vai de encontro aos princípios dos PCN (1997, p.21), pois, segundo os parâmetros, se espera que “cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações”, isso é, entre os ciclos do 1º ao 9º ano”.

Infelizmente não é o que acontece na realidade de muitas salas de aula, aliás, apenas com uma parcela pequena de nossos alunos. A maioria chega ao ensino médio com uma deficiência enorme em relação à escrita. Em 2015, por exemplo, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – **INEP** dos 5.631.606 textos corrigidos, 104 obtiveram nota mil. Outros 53.032 foram anulados e receberam nota zero.

O trabalho que se forma tem como intuito formar bons escritores através de uma proposta de escrita do gênero textual diário de bordo visto que é um gênero que é escrito diariamente, retratando assuntos diversos. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral sugerir uma proposta de produção de texto a partir do gênero textual *diário de bordo*, com o intuito de formar produtores de texto competentes no gênero proposto e, como consequência, amenizar suas possíveis dificuldades em escrita.

Como aporte teórico, nos embasamos à luz dos pressupostos de Antunes (2006), Garcez (2004), Possenti (2012) e Viana (2012) no que diz respeito à produção de texto na sala de aula, como também em Bakhtin (1997) no tocante a teoria dos gêneros textuais e suas características principais. Por fim, nos apoiamos nas ideias de Possenti (2012) cujo autor aborda a escola como ambiente privilegiado de formação de sujeitos produtores de textos proficientes.

Metodologicamente, o presente trabalho tem o caráter da pesquisada pesquisa-ação, tomando como recurso a produção textual, no caso o diário de bordo, dos alunos do 2º ano do ensino médio da E.E.E.M José de Lima no município de Baraúna-PB.

A intervenção pedagógica em sala de aula se dará da seguinte forma: 1. Pensar um gênero que fosse escrito com frequência pelos alunos, e que ao mesmo tempo pudesse ser postado nas redes sociais, chegando a conclusão do diário de bordo, 2. Procurar referências bibliográficas para dá suporte ao trabalho, 3. Escrever o projeto, 4. Apresentar à turma, 5. Ministras aulas expositivas sobre a escrita formal e informal e as concepções de escrita pela

linguística, 6. Debater temas como futebol política entre outros com os alunos, 7. Escrita dos textos, 8. Debate mais aprofundado sobre os temas e a parte de coerência e coesão, aceitabilidade, situacionalidade, ortográfica, 8. Reescrita dos textos. 9. Análise comparativa entre a primeira e segunda escrita dos textos com os alunos. 10. Publicação nas redes sociais.

A relevância deste trabalho está no fato de sugerirmos uma possível desmistificação em torno do discurso de que a escrita é um dom de alguns privilegiados, concomitante buscamos estimular a produção de textos e mostrar a nossos alunos que eles podem ter voz na sociedade a partir de sua escrita.

Após a análise dos textos reescritos foi percebido um avanço quanto a grafia padrão das palavras, em relação às marcas de oralidade como: pra, e o internetês: vc, foram reduzidos em 90% nos textos reescritos. A fase final foi a publicação dos textos nas redes sociais, deixando a critério dos mesmos, pois não queríamos impor essa exposição dos textos.

A escrita: uma breve contextualização teórica

A escrita é uma forma de comunicação criada pela necessidade de interação entre povos, servindo até como consolidação e perpetuação de culturas, no caso, só conhecemos algumas civilizações, devido o que foi deixado escrito. Para Antunes (2003, p.45) a escrita é: “uma atividade interativa de expressões, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, de informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para de algum modo, interagir com ele”.

Assim, vemos que a escrita é uma necessidade social, pois sem ela não haveria uma interação tão intensa como há na sociedade contemporânea, principalmente, com advento das redes sociais que se proliferam através da telefonia móvel, a qual em 2013 já superava o computador. A internet móvel, segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgados pelo IBGE. Em 2013, a região Norte apresentou o maior percentual de domicílios que usaram o celular para acessar a internet (75,4%). Entre os Estados do país, o acesso feito exclusivamente por celular ou tablet superou o feito por computador.

E quando pensamos que as redes sociais seria um auxílio no desenvolvimento da escrita, foi um engano, pois as pessoas escrevem muito, mas são em sua maioria frases construídas apenas para o diálogo, normalmente, formadas entre

seis e dez palavras, isso é, quando são palavras, pois estão sendo mais usados os “emoticons⁶”. Dessa forma, a escrita que fica quase extinta nos diálogos. E agora? Os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (2007) enfatizam que as novas exigências na formação humana passam pela construção de um projeto educativo que articule as finalidades entre a educação para a cidadania e para o trabalho. As diretrizes apontam para uma educação que, entre outros aspectos, seja também, tecnológica. Compreende-se, que atender a essas exigências tornou-se uma questão urgente.

A escola e sua função formadora

A escola tem o papel de ensinar as pessoas a escrever nessa sociedade tão imediatista, das abreviações, do internetês, e não o escrever por escrever, mas uma escrita que seja capaz de modificar a vida desses alunos, e consiga o tornar notório como ser social. Porém, isso só é alcançado com muito esforço/dedicação e por parte tanto do aluno quanto do professor, pois a produção da escrita diferente de outras atividades, como exercício com perguntas objetivas é mais rápido de ser avaliado, já um texto escrito para o professor lê-lo requer mais tempo, sem contar nas considerações que serão feitas para que o aluno faça uma reescrita do mesmo, e se ainda for necessário, vai ser feita outras considerações para uma terceira escrita, se preciso for, e nisso ressalta Possenti (2012, p.30).

[...] deveria ser evidente que um dos papéis da escola é propiciar condições para que os alunos venham escrever certo e bem (tudo o que se diz sobre “não corrigir mais” é erro ou falta de leitura). Tal objetivo só se alcança com muita prática (muita gente gostaria de chegar lá sem esforço, aplicando receitas do tipo “seja claro”, “escreva frases curtas”, “evite chavões...”)

Então, percebemos que a escola tem sim o papel de fazer com que o aluno saiba escrever a língua padrão sabendo usá-la nos mais variados contextos, caso contrário, qual a função da escola em si? Dizer que nada se constitui um erro, tudo depende de onde foi escrito. Pois, quando se pede a escrita de um artigo científico o aluno precisa ter domínio sim da Língua Padrão.

A instituição escola está entre a espada e a espada, tendo a incumbência de mostrar que é preciso saber escrever (isso é não apenas, “oi”, como está”, ou coisa do tipo, mas uma

⁶ São símbolos, que fazem a enunciação não verbal, por exemplo se está triste há uma representação por parte de uma “carinha triste” e assim como outros sentimentos e sensações que há um símbolo específico para aquela situação. (Grifo nosso)

escrita mais articulada, elaborada com: começo, meio e fim). Mas, diante de toda essa “cultura do agora” que paira sobre a cabeça de nossos alunos é complicado, pois a escrita é um processo como é posto por Antunes (2006,p.167) ao dizer que “a escrita é uma atividade processual, isto é uma atividade durativa, um percurso que se vai fazendo pouco a pouco, ao longo de nossas leituras, de nossas reflexões, de nosso acesso a diferentes fontes de informações” não é algo construído repentinamente como expressa Garcez,(2004, p.20),

[...] a escrita representa trabalho e exige esforço, disciplina, atenção, paciência. O texto não é simplesmente resultado de uma inspiração divina, não vem pronto do além para que o redator apenas o transfira para o papel. O caminho da escrita é um caminho árduo que precisa ser trilhado com o aluno de modo a mostrá-lo que não escrevemos por escrever, mas sim por uma necessidade.

É isso que tem que ser passado para o aluno que a escrita precisa, como outras atividades, ser praticada com paciência, esforço para que se consiga atingir o nível esperado.

Assim sendo, cabe aos professores mostrar que escrever é algo indispensável para a formação do indivíduo socialmente, e que a escrita é definida pelos gêneros.

Gênero: conceito e importância

Em Oriol, na Rússia nasceu Mikhail Mikhailovich Bakhtin, este que trouxe os gêneros como, qualquer produção textual. Isso implica que os textos seriam uma representação das formas de comunicação entre as pessoas, pois de acordo com Bakhtin (1997, p.280),

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional.

Dessa forma, percebemos que os gêneros se diferenciam especificamente pela sua formação composicional. São criações que emanam de uma necessidade de comunicação mais prática, pois o preenchimento de um formulário para contratar alguém em uma empresa, vai ser diferente de um usado num consultório médico; perguntas diferentes com intuídos diversos. E nesse contexto, Bakhtin (1997), fez uma divisão desses gêneros em primários e secundários, o primeiro é referente às manifestações mais espontâneas ocorridas no dia-a-dia

com o diálogo. Já os outros seriam formas mais complexas de gêneros, como um discurso científico, uma resenha, uma crônica. A teoria bakhtiniana inova, pois até então, os gêneros eram vistos estaticamente, marcados por elementos linguísticos e não, enunciativos.

A distinção dos gêneros secundários, é menos complexa, por exemplo, quando passa um jornal no televisor a pessoa mesmo sem ter um grau de instrução sobre gêneros sabem diferenciar um jornal de uma propaganda. Contudo, há outros gêneros que têm características/funções peculiares, como o artigo científico e uma resenha, visto que, são gêneros mais difíceis de ser diferenciados.

É importante que universo estudantil tenha a noção de que existem os gêneros e esses exercem funções sociais diversas, como informar, convencer, emocionar e são criados de uma necessidade comunicativa, ditada pela evolução da sociedade, da cultura, da tecnologia.

Diante da multiplicidade dos gêneros, percebemos que o diário de bordo é uma alternativa para tornar os alunos escritores mais assíduos, pois é algo que requer uma escrita corriqueira de temas do dia a dia do aluno.

Diário de bordo: via para uma boa escrita

O diário de bordo um gênero textual que se encontra na esfera de discurso jornalístico, pois traz informações sobre um determinado assunto e também opiniões sobre o mesmo. Pertence ao tipo textual argumentativo, visto que, não há apenas notícias, mas também a opinião de quem escreve. É um documento de controle de viagem, de supostos problemas na viagem, de anotações, observações.

Isso seria o propósito desse gênero, mas usaremos ele como fonte de desenvolvimento da escrita, vai ser nele que os alunos vão colocar todas as suas dúvidas sobre o assunto posto em aula, dúvidas sobre assuntos diversos, pensamentos, reflexões e trazer para comentar, funcionando como o “status”⁷ que se encontra em algumas redes sociais. Fazendo assim com que esses alunos não escrevam apenas quando se pede uma produção textual, quebrando este estigma que escrever é essa coisa impossível de se fazer, mostrando que é algo necessário. Da

⁷No âmbito das redes sociais, mais concretamente no “Facebook”, o “status” é uma frase ou texto onde uma pessoa descreve a sua situação, como está se sentindo, ou aquilo em que está pensando.

mesma forma, quando postam alguma coisa nas redes sociais querem que alguém comente, ele vai ter a vez de em sala de aula as pessoas comentarem.

O processo de escrita não pode ser posto pelo professor tem que ser construído pelo próprio escritor (aluno). Sabendo ele que o ato em si, como Garcez (2004) traz em sua obra técnica de redação, não é um dom que poucas pessoas têm, pois na concepção da maioria dos alunos escrever é um dom e que eles não são contemplados, apenas uma minoria seria.

O ato da escrita requer um outro: o da reescrita que não é apenas revisar, é dá ao texto o sentido proposto pelo escritor, ou seja, de imediato nem sempre conseguimos passar, com a primeira escrita, o sentido que queremos propor naquele texto. Até mesmo uma vírgula fora do lugar pode gerar um sentido controverso e isso não acontece apenas com escritores iniciantes, pessoas que já são experientes - com a escrita de textos - podem se atrapalhar no que pretendem dizer, como diz Viana (2012, p.45):

a revisão, grosso modo, se concentra em problemas gramaticais. Por meio dela corrigem-se tropeços na ortografia, na regência, na concordância, na sintaxe dos modos e tempos do verbo. A reescrita vai além: implica mudar ou cortar palavras, reordenar períodos, dar nova disposição aos parágrafos, a fim de que o texto atinja os objetivos a que se propõe.

Assim, podemos ver que o ato de reescrever é o que mostra ao escritor que seu texto pode ter o sentido desejado, repassando o que realmente queria, de forma clara, se posicionando, sendo voz ativa nos discursos sociais. É o que os PCN (2001, p.80) vão dizer: “a revisão produz alterações que afetam tanto o conteúdo quanto a forma do texto”, isso é o que se almeja com a reescrita um melhoramento do texto em todos os seus aspectos, isso é do morfológico ao semântico.

Nessa etapa, temos que estar atentos para questão da leitura do texto, visto que, as duas andam juntas, não necessariamente um bom leitor vai ser um bom escritor. No entanto, essa condição é relevante no processo de escrita.

Por isso que é preciso atribui valores semelhantes a essas duas práticas, pois mesmo sendo dos processos diferentes e que seguem caminhos diferentes no processo de aprendizagem, há uma ligação tênue e indissociável entre as duas.

Contextualizando os dados a serem analisados

A E.E.E.M. José de Lima está localizada na cidade de Baraúna (curimataú paraibano) funciona nos turnos manhã e noite. Na turma do 2º ano são lecionadas 4 aulas de língua portuguesa semanais, cada uma com duração de 40 minutos, visto ser o turno noturno, as diurnas são de 45.

A turma é formada por 19 alunos, sendo uma mescla de alunos da zona rural e zona urbana os da primeira citada vêm no transporte oferecido pelo estado. A maioria dos nossos estudantes são de famílias carentes, com renda média de um salário mínimo. Os pais ou responsáveis pelos discentes têm (em média) nível de instrução do ensino fundamental incompleto.

Pelo levantamento feito do nosso público-alvo, conduzimos a análise das produções textuais norteadas por uma sequência didática própria com um intuito específico de produzir uma didática e um material que nos ajudasse a aproximar-nos mais da realidade e necessidade de aprendizagem dos alunos.

Depois de encontros com os alunos falando sobre o propósito da escrita dos diários de bordo, o quão é precioso a boa escrita e que alguns erros de escrita podem mudar todo um enunciado até mesmo prejudicando quem o escreveu, o que foi exemplificado com a importância da utilização adequada das vírgulas, mais especificamente através do texto: a vírgula fatal⁸.

No próximo encontro foi salientado passo a passo o que seria trabalho através de uma sequência didática, propondo: 1. Aulas expositivas sobre gramática e linguística, 2. Debate de temas: como futebol, política, redes sociais entre outros para produção textual com os alunos, 3. Escrita dos textos diário de bordo, 4. Debate mais aprofundado sobre os temas, levando em consideração coerência coesão, aceitabilidade e situacionalidade na produção textual, 5. Reescrita dos textos. 6. Análise comparativa entre a primeira e segunda escrita dos textos com os alunos. 7. Publicação nas redes sociais.

Com a parte da reescrita, fizemos um breve comentário trazendo o conceito do que é reescrever, usando como teórico Viana (2012).

⁸ O texto conta a história da czarina russa Maria Fyodorovna que certa vez salvou a vida de um homem, apenas mudando a vírgula de sua sentença de lugar. Muito inteligente, ela que não concordava com a decisão de seu marido, Alexandre II, usou o artifício a seguir. O Czar enviou o prisioneiro para a prisão e morte no calabouço da Sibéria. No fim da ordem de prisão vinha escrito: “*Perdão impossível, enviar para Sibéria*”. Maria ordenou que redigissem nova ordem, e fingindo ler o documento original, mudou uma vírgula, transformando a ordem em: “*Perdão, impossível enviar para Sibéria*”, e o prisioneiro foi libertado.

Nesse momento as produções já perderam grande parte das marcas da oralidade e ficaram mais precisas, o que trabalhamos nesse ponto, foi algo mais profundo como coerência e coesão, começamos a mostrar como funcionaria, partindo da palavra “todo”, que dá um sentido totalizador e que isso é perigoso para ser colocado em um texto, pois sempre há exceções em boa parte de temas, pegamos o diário de um aluno como exemplo onde ele falava sobre política, lá dizia: “todos os políticos são ladrões”, e explicamos que pelo menos um em todo o Brasil tem que ser honesto, e isso torna o texto dele incoerente. Então, explanamos que nosso texto para ser aceito tem que convencer a outra pessoa, pois não escrevemos para nós e sim para o nosso leitor, não tentamos nos convencer e sim o interlocutor.

No penúltimo ponto da sequência houve: 1. Leitura dos próprios diários comparando o que tinha evoluído em termos de ortografia, coerência, aceitabilidade, situacionalidade. 2. Leitura dos diários dos colegas comparando a primeira escrita à reescrita. 3. Comentário dos textos. 4. Publicação nas redes sociais.

O passo um foi de grande importância, pois começaram a perceber dentro do próprio texto a evolução na sua forma de escrever mais coerente, adequando a escrita ao gênero em questão.

O passo dois foi trazer não só a importância da escrita, mas também da leitura e criticidade que tiveram sobre os textos dos colegas, e viram que tinham já uma diferença considerável em marcas de oralidade, assim como gírias e o internetês.

O passo três trouxe o aluno do patamar de ouvinte para protagonista em sala de aula relatando os textos dos colegas se posicionando, sabendo diferenciar um texto coerente de um texto que teve sua função comunicativa comprometida pelo modo como foi escrito.

O passo 4 foi a publicação dos textos nas redes sociais, a maioria ainda receiosos disseram que não gostavam de postar textos nas redes sociais, e ficou a critério dos mesmos, pois a imposição não é cabível no processo de ensino aprendizagem, porém uma minoria expôs que iria postar alguns textos devido se sentirem mais seguros quanto o que estavam escrevendo.

Na parte ortográfica após a reescrita dos textos o que se constatou foi a redução -em 90%- do uso da contração: “pra”, para variação padrão do português brasileiro: “para”, e que achavam que estaria correto para a gramática formal. Em segundo lugar foram às marcas do

internetês como o “vc” ao invés de “você”, e “pq” por “porque”. Nessa aula expliquei a diferença entre a linguística: corrente que prioriza a linguagem, a comunicação, que para ela essas colocações estariam mais ou menos adequadas à situação comunicativa; e a gramática que busca uma forma, pois seria inviável se todo estado brasileiro escrevesse de uma forma diferente.

Por isso, há uma necessidade de ser assim, se na oralidade falamos “pra”, na escrita, em textos formais, só podemos dizer, “para”, isso também é visto nos gêneros se em alguns podemos usar uma linguagem menos formal, noutro já tem que ser mais padronizada. Isso também se aplica às redes sociais, podemos ver que elas sendo uma plataforma de postagens de informações e estas em sua maioria podem ser coloquiais, no entanto, vai ter casos que elas são cultas, como a exposição de uma nova lei. Logo, vemos que cada situação requer uma forma de falar e escrever.

O terceiro e mais visível foram as gírias como: “tipo assim”, “de boa”, essa primeira aconteceu em média de 92% dos textos e ainda houve resistência, para entender que era uma gíria, pois só acham que era gíria: “de boa”, de rocha, entre outras.

E dessa forma, percebemos que os alunos começaram a entender a língua como um sistema dúbio que permite variações, dependendo de onde se encontra.

Conclusão

Dessa forma, através de uma sequência didática adequada à realidade dos alunos, trouxemos o debate de temas que os interessava, propostas como a de postar os textos produzidos por eles nas redes sociais, aulas expositivas que mostravam a importância da escrita na sociedade contemporânea. E a forma de orientar a reescrita dos trabalhos, não apenas do modo convencional: fazendo a correção do texto e entregando para o aluno, mas sentamos para mostrar o que ele podia melhorar naquele texto, o que trouxe de mensagens que precisavam de um contexto para que o leitor pudesse entender, e que aquele texto teria que ser compreendido por outras pessoas.

Tudo isso, fez com que conseguíssemos melhorar o nível de escrita dos alunos, pois foram reduzidos em 90% por cento tanto as marcas de oralidade como também o uso do internetês nos textos formais. E, conseqüentemente, diminuir o receio de escreverem nas

redes sociais e também elevar a autoestima quando se fala em textos argumentativos pedidos pelo ENEM. Proporcionalmente a interpretação de textos ficou mais fluida, devido à leitura gradual dos próprios textos.

Portanto, através do gênero diário de bordo conseguimos desmistificar que a escrita era um dom de poucos, fazendo com que os alunos tomassem gosto pela escrita quando viram que são capazes de produzir um texto adequado a comunicação que eles pretendiam propor.

Assim, conseguiram ter um aprendizado consistente quanto à linguagem formal e seu uso da mesma forma com a linguagem informal, sabendo que uma conversa numa rede social a linguagem é diferente de uma redação. E que por ser uma linguagem informal a escrita tem uma tolerância quanto à informalidade, caso contrário pode ocorrer do interlocutor não conseguir entender a mensagem.

Logo, percebemos que através do trabalho feito com o diário de bordo, fortalecemos o conhecimento já existente nos alunos e mostramos que a escrita tem sua função social, e eles podem ser sujeitos atuantes na sociedade através do seu texto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p.45.

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia, KLEIMAN, Ângela (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: parábola, 2006. p.163-180.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BBC Brasil disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb>. Acesso em: 12/09/16.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Língua Portuguesa. **Parâmetros curriculares Nacionais: ensino fundamental**/Ministério da Educação. – Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Língua Portuguesa. **Parâmetros curriculares Nacionais: ensino fundamental**/Ministério da Educação. – Brasília: MEC, 2001.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação: O que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Portal G1 Educação. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/espelho-da-redacao-do-enem-2015-e-divulgado.ghtml>. Acesso em: 19/01/17.

Portal marketing de conteúdo. Disponível em:<<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 20/07/15.

POSSENTI. Sírio. Escrever certo, escrever bem. **Revista Língua Portuguesa**. a.8, n.82, p.30-32. 2012.

Portal significado.com. br. Disponível em:<<http://www.significados.com.br/status/>>. Acesso em: 24/07/15.

VIANA. Chico. Reescrever é sobreviver. **Revista Língua Portuguesa**. a.7, n.76. p.44-45. 2012.